

Ruídos nas representações da mulher: preconceitos e estereótipos na literatura e em outros discursos. ST13

Cláudia Kamel & Lucia De La Rocque

Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz.

Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz; UERJ

X. Men e a dimensão do preconceito nas histórias em quadrinhos

Existe uma relação bastante estreita entre a literatura de ficção científica e a narrativa própria dos quadrinhos (HQ) que se iniciou desde o final da década de 1920; perpassando toda a década de 1930 – de onde surgiram diversos personagens pertencentes ao gênero. Nesse sentido, a ciência desempenhou nos quadrinhos um papel semelhante ao encontrado no gênero anterior, surgindo como elemento aglutinador da civilização ocidental e constituindo o predomínio da racionalidade sobre o emocional (Vergueiro, 2004). Nos quadrinhos dessa época, a ciência surge de forma elementar, retratando personagens com traços essencialmente vilanescos; geralmente masculinos e totalmente dedicados à ciência e seus benefícios, como um ideal de perfeição a ser atingido – em causa própria ou para o bem estar coletivo, refletindo a esperança na ciência em dar conta de proporcionar instrumentos tecnológicos capazes de atender as demandas da sociedade, demandas essas estreitamente relacionadas com a consolidação do capitalismo como modo de produção dominante. A Revolução Industrial é referência e exemplo de transformação histórica rápida e radical de padrões que contribuíram de forma contundente para que novos paradigmas sociais, políticos, culturais e econômicos fossem incorporados na sociedade moderna. Nesse sentido, Romano Calisi esclarece que:

A comunicação de massa, depois de causar a dicotomia entre cidade e campo, sobretudo depois da ruptura da sociedade medieval, em uma certa fase da evolução histórico-social, tende a vir a ser o agente fundamental de uma geral urbanização da cultura nacional (Calisi, 1965).

As HQ, produto típico da cultura de massas, expressaram de forma singular os desdobramentos do capitalismo, refletindo por meio da arte as questões mais prementes da sociedade emergente, altamente urbana e industrial. Dentre essas questões, as de cunho sócio-econômico foram as que trouxeram maiores conseqüências, alterando profundamente as relações

que os seres humanos estabeleciam com suas atividades e com a sociedade como um todo. Mundialmente populares por seu traço humorístico, as HQ romperam os limites das tiras de jornal, onde inicialmente eram veiculadas e conquistaram um espaço artístico singular no espectro da narrativa de ficção, tratando inclusive de temas sociais vigentes.

A crise econômica deflagrada pela quebra da bolsa de valores de Nova York, trouxe conseqüências sociais devastadoras. A juventude queria e precisava acreditar em um futuro melhor, queria sonhar e voar para longe da crise econômica e da instabilidade social que estava instalada. Havia um desejo coletivo e inconsciente de segurança e proteção. Os jovens procuravam por um herói (Feijó, 1997).

De forma análoga, podemos observar que os super-heróis foram sendo elaborados e posteriormente criados de maneira a atender ou corresponder, até certo ponto, uma expectativa vigente, antecipando acontecimentos futuros. Nesse sentido, podemos apontar os *X-Men* como uma das criações mais inteligentes produzidas na Era Marvel¹.

Stan Lee, o célebre criador dos personagens Hulk, X. Men, Homem de Ferro, Os Vingadores, Demolidor; ainda era um desconhecido roteirista na Editora Marvel quando inaugurou, com a revista Quarteto Fantástico (1961), o chamado Universo Marvel, apresentando novos conceitos de heróis e heroínas. Com o sucesso do seu trabalho, transformou a Marvel na maior editora e distribuidora de quadrinhos do mundo.

O preconceito foi um tema que Stan Lee soube explorar muito bem diversas vezes e de variadas formas. Quase todos os seus personagens eram vítimas freqüentes de preconceitos, mas os *X-Men*² (1963) radicalizaram nesse ponto. Eles pertenciam à população dos mutantes, que eram seres que possuíam genes especiais, fora dos padrões normais, não sendo, por isso, considerados humanos. Discriminados e perseguidos, os mutantes eram, às vezes, caçados como se fossem animais perigosos.

¹ Stan Lee, o célebre criador dos personagens Hulk, X. Men, Homem de Ferro, Os Vingadores, Demolidor; ainda era um desconhecido roteirista na Editora Marvel quando inaugurou, com a revista Quarteto Fantástico (1961), o chamado Universo Marvel, apresentando novos conceitos de heróis e heroínas. Com o sucesso do seu trabalho, transformou a Marvel na maior editora e distribuidora de quadrinhos do mundo.

² A equipe dos X-Men foi criada pelo professor Charles Francis Xavier; com a finalidade de proteger o mundo da crescente ameaça mutante. A meta de Xavier era treinar jovens mutantes a controlar e usar suas habilidades especiais, assim eliminando a possibilidade de se tornarem uma ameaça. A primeira formação dos X-Men era composta por: Ciclope, Fera, Anjo, Homem de Gelo e Garota Marvel (atual Fênix). O irmão de Ciclope, Destruitor, a princesa do magnetismo Polaris e o enigmático Mímico também foram integrantes por um período. Um tempo depois, os X-Men foram capturados, e Xavier se viu forçado a convocar novos elementos para o resgate. Assim surgiram os novos X-Men: Tempestade, Wolverine, Noturno, Colossus, Solaris, Pássaro Trovejante e Banshee. A revista em quadrinhos X-Men é a mais comercializada do mundo (Morris & Morris, 1983).

Indiretamente, havia algumas semelhanças entre a saga dos mutantes e a luta dos cidadãos negros pelos direitos civis. Até a década de 1960, a segregação racial era dominante no sul dos Estados Unidos e os negros não eram tratados da mesma forma que os brancos perante a lei. Grupos racistas como a Ku Klux Klan torturavam e matavam negros apenas por preconceito. Nesse cenário, a luta pelos direitos civis projetou dois grandes líderes da população negra: o pacifista Martin Luther King (1929-1968) e o radical Malcom X (1925-1965).

² A equipe dos X-Men foi criada pelo professor Charles Francis Xavier, com a finalidade de proteger o mundo da crescente ameaça mutante. A meta de Xavier era treinar jovens mutantes a controlar e usar suas habilidades especiais, assim eliminando a possibilidade de se tornarem uma ameaça. A primeira formação dos X-Men era composta por: Ciclope, Fera, Anjo, Homem de Gelo e Garota Marvel (atual Fênix). O irmão de Ciclope, Destruitor, a princesa do magnetismo Polaris e o enigmático Mímico também foram integrantes por um período. Um tempo depois, os X-Men foram capturados, e Xavier se viu forçado a convocar novos elementos para o resgate. Assim surgiram os novos X-Men: Tempestade, Wolverine, Noturno, Colossus, Solaris, Pássaro Trovejante e Banshee. A revista em quadrinhos X-Men é a mais comercializada do mundo (Morris & Morris, 1983).

Nas histórias em quadrinhos, o *Professor Xavier*, líder dos *X-Men*, falava sempre do seu sonho de ver humanos e mutantes vivendo juntos como irmãos. Um discurso muito parecido com o de Martin Luther King. Já *Magneto*, líder da Irmandade de Mutantes, pregava que só pela força, os mutantes conseguiriam se impor aos humanos. Seu discurso lembrava o de Malcom X. Sem dúvida, Stan Lee assumia uma posição ideológica ao apresentar o *Professor Xavier* como mocinho e *Magneto* como bandido.

Embora a primeira aventura em quadrinhos a se pronunciar contra o regime de segregação racial nos Estados Unidos tenha sido escrita por Gardner Fox para a *Liga da Justiça*, foi Stan Lee quem lançou os primeiros super-heróis negros: *Falcão* e *Pantera Negra*. As HQ dos *X-Men* não foram somente pioneiras em tratar das questões relacionadas ao preconceito racial; destacaram-se, sobretudo, ao ressaltar o preconceito contra a figura feminina. Todos os grandes personagens das HQ de ficção científica eram homens a serviço do bem ou dedicados ao mal, retratados de forma a evidenciar o clássico dilema maniqueísta particular a todos eles e que sobrepujava todas as suas outras características. Personagens estes, que quando eram bons e justos, eram retratados como homens belos e portadores de maravilhosos dotes físicos e intelectuais, como por exemplo, *Buck Rogers* (John Dille, 1929); ao contrário dos vilões, que em sua maioria eram caracterizados como baixos, carecas, de personalidade difícil; geniais, porém em sua maioria, sociopatas.

Em contrapartida, as personagens femininas surgidas na mesma época, eram muito comumente caracterizadas como coadjuvantes, geralmente em papéis de namoradas sensuais e disponíveis, como por exemplo, a inesquecível companheira de *Flash Gordon*, *Dale Arden* (Alex Raymond, 1934). Essas personagens secundárias eram comumente caracterizadas como mulheres oferecidas, como ficava claro a mensagem de seus olhares, expressão corporal e curvas de seus corpos perfeitos.

Como, em toda a história da arte, encontra-se a mulher como tema inspirador dos artistas, freqüentemente em poses sensuais ou mesmo no mais puro nu artístico, nada mais natural que as HQ reproduzissem tal tradição visual no tratamento da figura feminina (Calazans, 2003). Nessa linha de raciocínio, justifica-se assim o aparecimento da nudez feminina nas HQ bem como que por conseqüência, o tratamento estereotipado da mulher como apenas um corpo desenhado para atender as necessidades de entretenimento e satisfação das mentes masculinas. Era comum encontrar nos enredos das HQ de ficção científica, mocinhas de beleza física estonteantes, mas absolutamente incapazes de se defenderem ou sequer julgar a diferença entre o mocinho e o vilão, geralmente sendo ludibriadas por esses últimos – dada sua total falta de senso de julgamento de valor.

Muito obstante tais mocinhas passassem metade das tramas tropeçando onde não deveriam ou sendo carregadas nos braços dos mocinhos (e vilões também), desmaiadas ou assustadas, ainda assim era possível vislumbrar parte de seus volumosos seios ou de suas bem torneadas coxas.

A década de 1960 traz consigo mudanças profundas e significativas nos padrões culturais das sociedades ocidentais capitalistas. Nesta década, impulsionadas pelos movimentos feministas, as mulheres nos quadrinhos passam de coadjuvantes oferecidas e indefesas a personagens principais, imbuídas de propósitos mais nobres e dispostas a conquistarem seu espaço como heroínas de igual importância aos personagens masculinos nas tradicionais HQ de super-heróis onde, até então, reinavam os personagens masculinos destituídos de desejo sexual. Surgem, assim, as heroínas Barbarella (Jean Claude Forest, 1962), Jodelle (Pierre Barthier e Guy Pellaert, 1966) e Valentina (Guido Crepax, 1967), dispostas a mostrar que a atividade sexual faz parte integrante da aventura (Moya, 1997).

Porém, desde a tragédia de 11 de setembro de 2001, a popularidade de filmes de heróis aumentou consideravelmente. Como que na busca de referenciais, os heróicos personagens retomam sua popularidade e são capazes de suprir uma das necessidades básicas do ser humano bem como alimentar um desejo interno de invencibilidade. Desde tal data, os filmes de super-heróis quebraram todos os recordes de bilheteria, saltando das páginas coloridas das HQ para as telas do cinema.

Criados num mundo de distopias, onde a visão do futuro é altamente corrompida e cruel, os mutantes de Stan Lee lutam para que a igualdade dos direitos civis possa prevalecer, garantindo assim, que as futuras gerações possam usufruir de um mundo onde o conceito primordial de globalização se estenda em todos os níveis.

Com essa demanda por heróis, a participação das personagens femininas nos filmes de super-heróis foi também solicitada pelo público. Numa tentativa de satisfazer essa demanda, os estúdios cinematográficos de Hollywood aumentaram a participação feminina nos filmes de super-heróis, não mais sendo retratadas como moças indefesas e estúpidas, mas principalmente como seres humanos capazes de relacionar e utilizar de forma brilhante os domínios intelectual, físico e emocional. Essas personagens ganharam forte presença e importância nos filmes do gênero, não somente como as heroínas principais, mas, sobretudo como mulheres comuns, mas capazes de mostrar suas virtudes de forma tão sensacional como os próprios super-heróis em si, altamente inteligentes e ousadas, algumas como mestras em artes marciais e outras como verdadeiros gênios do pensamento lógico e estratégico.

No que diz respeito aos filmes do gênero, os *X. Men* oferecem personagens femininas capazes de mobilizar os ideários e a imaginação humana.

Dentre as personagens femininas mutantes que mais se destacam, podemos apontar a afro-americana *Tempestade* e *Mística*. Analisemos então os perfis dessas personagens separadamente.

Tempestade apareceu pela primeira vez nos quadrinhos da Marvel em 1975. Como a grande maioria dos super-heróis, *Tempestade* teve um passado muito baseado na mitologia dos super-heróis.

De acordo com Campbell em seu livro *O Poder do Mito* (1990), todos os heróis da mitologia tradicional fazem uma jornada cíclica que envolve 3 fases principais: a partida, uma iniciação e um retorno. Segundo as definições desse autor, na fase da partida, o herói deixa o isolamento de sua casa após receber o “chamado”. Isso lhe permite atravessar um limiar até o mundo maior, em que ele pode entrar na fase da iniciação, experimentando um bom número de diferentes provações. Após o indivíduo se mostrar digno de *status* heróico, a fase do retorno pode começar. Nessa fase final, nosso herói já transcendeu a dualidade e entrou em uma subjacente singularidade. Há uma integração do familiar com o estranho, e ele se torna um “Mestre de Dois Mundos”. Isso envolve uma transformação necessária de consciência e completa a jornada. Este ciclo é brilhantemente utilizado na trama cinematográfica de *X. Men*. Nesse sentido, *Tempestade* cumpre assim seu ciclo e resolve trabalhar na causa dos mutantes, em nome da justiça e do bem. Como todas as heroínas das HQ, *Tempestade* é retratada como uma mulher de atributos físicos e intelectuais impecáveis. No entanto, na trama de Stan Lee, *Tempestade* transcende a tradição das heroínas de curvas perfeitas. Ela é um belo exemplo de uma mulher com idéias próprias e inteligência ímpar. Na versão cinematográfica, *Tempestade* demonstra sua capacidade de juízo de valor e discernimento, tão diferenciados das mocinhas coadjuvantes da década de 1930.

Mística é a outra personagem de igual popularidade no *X.Men*. Única no gênero, essa personagem é capaz de projetar qualquer forma imaginável, agregando não somente a beleza física a suas formas, mas também inteligência e talentos diversos. Presa a esta dualidade física e mutante, talvez ela nunca transcenda para a singularidade necessária para completar o ciclo do herói, fato que a diferencia e a distancia absurdamente das personagens tanto as da década de 1930 como as da década de 1960. *Mística* foge completamente ao estereótipo feminino da heroína, pois não precisa do corpo feminino tradicionalmente conhecido nem tão pouco de demonstrar compaixão ou preocupação pelo próximo. *Mística* se afirma no cenário das heroínas das HQ como uma anti-heroína, como alguém que, de acordo com suas próprias convicções, não precisa de uma aparência convencional como todo mundo. Concordamos com Housel (1983), que diz:

Se Tempestade é a heroína perfeita, Mística talvez seja sua correspondente oposta, a anti-heroína.

Podemos então concluir que as HQ dos *X-Men* estão, em alguns aspectos, relacionadas às obras de literatura distópicas de ficção científica, pelo fato de trazerem à tona a clássica discussão da delimitação entre o que é ético ou não, e também pela projeção de um futuro onde as tecnologias perpassam questões de cunho humanístico, antecipando questões tais como a discussão da forma pela qual a intolerância e preconceitos se fazem presentes e constantes nas relações humanas. Nas tramas de *X-Men*, a questão do preconceito é tratada com maestria por Stan Lee, que mergulha não somente na questão do preconceito racial, mas também na desconstrução de estereótipos femininos arraigados desde a década de 1930. É evidente que este autor procurou, por meio das personagens *Tempestade* e *Mística*, para não citar outras não menos importantes, um novo olhar sobre o papel da mulher como capaz de lidar com questões como o preconceito, desvinculando a imagem de indefesa e vulnerável atribuídas às personagens femininas até então.

Referências Bibliográficas

- CALAZANS, F. Pornografia e erotismo nos quadrinhos. Publicado em 22.09.2003. <http://www.duplipensar.net/materias/2003-09-pornohq.html>. Acesso em 04/05/2006
- CALISI, R., *Stampa a fumetti cultura di massa società contemporanea*. Edizione comunicazione di massa, quaderni di comunicazione di massa no. 1, Roma, 1965.
- CAMPBELL, J., *O poder do mito*, Editora Palas Athena, São Paulo, 1991.
- FEIJÓ, M. *A história das histórias em quadrinhos*. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1997.
- MOYA, A. *Shazam!* 3ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- VERGUEIRO, W. *Oficina de leitura crítica de HQs*. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2004.